



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**EMILY RIBEIRO DA SILVA**

**OLHARES CRUZADOS SOBRE A QUALIDADE DAS PRÁTICAS  
PARENTAIS: COMPREENSÕES DE CRIANÇAS E ADULTOS**

**PETROLINA**

**2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**EMILY RIBEIRO DA SILVA**

**OLHARES CRUZADOS SOBRE A QUALIDADE DAS PRÁTICAS  
PARENTAIS: COMPREENSÕES DE CRIANÇAS E ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

**PETROLINA**

**2022**

Silva, Emily Ribeiro da  
S586o Olhares cruzados sobre a qualidade das práticas parentais:  
compreensões de crianças e adultos / Emily Ribeiro da Silva. -  
Petrolina, 2022.  
xii, 63 f.: il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do  
Vale do São Francisco, Campus Petrolina, Petrolina-PE, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro

Inclui referências.

1. Desenvolvimento infantil. 2. Práticas educativas. 3. Ludicidade.  
I. Título. II. Ribeiro, Marcelo Silva de Souza. III. Universidade Federal  
do Vale do São Francisco.

CDD 372.2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

EMILY RIBEIRO DA SILVA

**OLHARES CRUZADOS SOBRE A QUALIDADE DAS PRÁTICAS  
PARENTAIS: COMPREENSÕES DE CRIANÇAS E ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro.

Petrolina, 30 de agosto de 2022.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lucivanda Cavalcante Borges de Sousa

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Virginia de Oliveira Alves Passos

À Isabella por ter me proporcionado conhecer o maior amor do mundo e à Melina por, ao lado de Bella, me ensinar a olhar o mundo com olhos brincalhões.  
Amo vocês!

## Agradecimentos

Á Deus, que com sua infinita misericórdia me mostrou que posso confiar nas Suas promessas. Minha filha, Isabella, só pela sua existência já agradeceria. Mas, tenho que pedir desculpas pelas ausências, cansaços e impaciências. Tudo sempre será por nós duas! Você é o amor da minha vida, mas você sabe disso, não é?

Aos meus pais, Mauricio e Eliana, a quem devo o que sou e o que sei, pois sem o apoio de vocês, nada disso seria possível. Saber que posso contar sempre com vocês foi primordial nesses longos anos de dedicação aos estudos.

Aos meus irmãos, Antony, Júnior e Heleno, que complementam o significado de família, a quem sei que posso recorrer a qualquer momento e que me deram meus amados sobrinhos.

Ao meu companheiro de vida, Rafael, pelo seu amor e dedicação a nossa família e pelo incentivo com palavras doces e risadas gostosas.

Ao querido mestre e amigo, Marcelo Ribeiro, por não ter desistido de mim e nem soltado minha mão, por ter entendido as pedras no caminho e me orientado de forma respeitosa e acolhedora.

Às minhas amigas do meio acadêmico que transpassaram para a vida, Ilze e Layta. Nossos perrengues chiques nos fizeram mulheres mais fortes e ter vocês rindo ao meu lado é exemplo disso.

Aos meus amigos do mestrado, Murilo e Rodrigo pela parceria durante a época de bolsistas.

Á minha banca por toda a compreensão e disponibilidade em me acompanhar desde a graduação, passando pela qualificação e até agora ao processo de defesa.

Às minhas amigas, Rafaela, Néria, Meyre Helen, Érica, Keli, Paulinha, Emanuela, Ada, Marília, Manu, Bruna, Kathary, Raíza, Ravena, Thâmara, Yasmin e Tairinne por serem, cada uma ao seu modo, mulheres referências para mim.

Aos meus amigos Olivaniildo, Gabriel, Diogo, Jhon, Artur, Kinho, Murilo e Érick por serem braços fortes e ombros amigos, com quem sei que posso contar.

Á Welton, meu psicólogo, que sempre me dá os sacodes necessários.

E por último, para encerrar com chave de ouro... Á Melina, minha mãe universitária, amiga para todas as horas e ponto de luz. Você me ensinou e me ensina, é minha inspiração!

*PARA TER OLHOS BRINCALHÕES, É PRECISO TER AS  
CRIANÇAS POR NOSSAS MESTRAS.*

Rubem Alves

## Resumo

O presente estudo parte de referencial epistemológico sociointeracionista, abarcando temáticas na área da Psicologia do Desenvolvimento Humano. Aqui a criança é vista como integrante da estrutura social constantemente participando e construindo a cultura infantil, se apropriando da cultura adulta e transformando-a. Dessa maneira, buscou-se compreender a qualidade das práticas educativas no desenvolvimento infantil, bem como as relações parentais em famílias a partir da perspectiva das crianças e dos adultos. Uma abordagem multirreferencial permitiu explorar de várias formas e perspectivas os objetos de estudo, a concepção adotada para essa pesquisa também é implicativa e contrastiva. Participaram desta pesquisa cinco famílias, sendo cinco crianças com idades entre 8 e 9 anos e dez adultos (duas principais figuras parentais de cada criança), residentes na cidade de Petrolina-PE. As entrevistas ocorreram através de vídeo chamadas e também contaram com a utilização de recursos para acessar às crianças e os adultos participantes. Os dados obtidos foram analisados à luz da análise de conteúdo de Bardin. As crianças trouxeram em seu discurso os papéis que cada figura possui no contexto familiar, assim como falaram das atividades que costumam realizar com cada membro, incluindo as lúdicas. Já os adultos demonstraram, em sua maioria, dedicarem-se aos processos educativos de suas crianças, mas também reconheceram pontos frágeis a serem melhorados e inconsistências a serem corrigidas dentro da relação familiar. Assim, conhecer os olhares cruzados, tanto do viés infantil quanto através das figuras parentais é relevante para o contexto intrafamiliar, para que eles saibam quais papéis que lhes são atribuídos pelas crianças no processo educativo e, principalmente, quais podem ser modificados para o bem estar dos infantes e da família.

Palavras-Chave: desenvolvimento infantil; práticas educativas; ludicidade;

## Abstract

This study is based on a socio-interactionist epistemological framework, covering themes in the area of Psychology of Human Development. Here the child is seen as part of the social structure constantly participating and building the child culture, appropriating the adult culture and transforming it. Thus, we seek to understand the quality of educational practices in child development, as well as parental relationships in families from the perspective of children and adults. A multireferential approach will allow to explore in various ways and perspectives the objects of study, the conception adopted for this research is also implicative and contrastive. Participated in this research five children, aged between 8 and 9 years, living in the city of Petrolina-PE and its two main parental figures. The data obtained were analyzed in the light of Bardin's content analysis. The children brought in their speech the roles that each figure has in the family context, as well as spoke of the activities they usually perform with each member, including the playful ones. Adults have shown, for the most part, to dedicate themselves to the educational processes of their children, but also recognized fragile points to be improved and inconsistencies to be corrected. Thus, knowing the crossed looks, both from the infantile bias and through the parental figures is relevant to the intrafamily context, so that they know what roles the children in the educational process assign to them and mainly, which can be modified for the welfare of infants and family.

**Keywords:** Child development; Educational practices; Playfulness.

## Lista de Figuras

Figura 1. Termo de assentimento preenchido.....	24
---	----

## **Lista de quadros**

Quadro 1: Perfil idade, série e situação familiar das crianças .....	21
Quadro 2: Perfil da figura parental: vínculo com a criança, idade e profissão.....	212
Quadro 3: Resultados individuais colhidos através do IEP .....	30

## **Lista de abreviaturas e siglas**

Art.º: Artigo.

COVID- 19: Denominação da doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável pela atual pandemia e que foi descoberta em dezembro de 2019.

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente.

UNIVASF: Universidade Federal do Vale do São Francisco

WhatsApp: Aplicativo de troca de mensagens e de chamadas de vídeo e voz

## Sumário

1. Introdução .....	3
2. Revisão de literatura.....	6
2.1 O Cuidar .....	6
2.2 O Educar .....	8
2.3 O Brincar .....	10
3. Método .....	12
3.1. Estratégia Metodológica .....	12
3.2. O <i>Lócus</i> da Pesquisa e o Público-alvo .....	14
3.3. Coleta das informações .....	15
3.4 Análise das informações.....	17
3.4.1 Pré-Análise .....	18
3.4.2 Exploração dos dados coletados .....	18
3.4.3 Compartilhamento e discussão .....	19
3.5. Aspectos Éticos.....	20
4. Resultados e Discussão.....	20
4.1 Perfil das famílias participantes .....	21
4.2 O olhar das crianças .....	22
4.3 O olhar dos adultos .....	28
4.4 O lugar da ludicidade .....	33
5. Considerações finais .....	35
6. Referências .....	36
7. Apêndices .....	44

## 1. Introdução

A necessidade de educar, prover o desenvolvimento e cuidar de maneira geral das crianças, permeia as relações que os adultos responsáveis estabelecem com suas crianças, o que resulta em conjuntos característicos de comportamentos são nomeados de diferentes formas na literatura, a exemplo pode-se citar os termos: práticas educativas, práticas parentais, cuidados parentais, práticas de cuidados, dentre outros (Macarini et al, 2010).

Darling e Steinberg (1993), se tornaram referências nos estudos sobre as práticas e estilos parentais ao buscar compreender os efeitos da parentalidade no desenvolvimento das crianças. Os autores indicaram a importância de entender como os componentes do estilo parental, isto é, as práticas parentais se processam dentro do contexto familiar e como essa articulação influencia no desenvolvimento infantil, para além de analisar as influências mais diretas, propondo assim que a classe social, a cultura e a composição familiar também devem ser levados em consideração. Sendo assim, as práticas e os estilos parentais seriam influenciados pelas crenças, metas e valores dos pais (em relação aos filhos e a eles mesmos), devendo considerar tanto o contexto cultural no qual se insere a família, como também as características ecológicas desse contexto.

Assim, tratando das práticas parentais e partir de um referencial epistemológico sociointeracionista, abarcando temáticas na área da Psicologia do Desenvolvimento Humano, este projeto de pesquisa apoia-se, teoricamente, em autores e pesquisadores como Jerome Bruner (2000) e William Corsaro (2009; 2011), dentre outros. De acordo com a perspectiva do sociointeracionismo, o ser humano se constitui a partir das relações sociais e estas são fundamentais para o seu desenvolvimento. Assim, as figuras parentais – geralmente os pais, mas não obrigatoriamente eles – tornam-se os primeiros

responsáveis pela socialização das crianças, por ensinar-lhes valores e regras sociais, promovendo meios para que elas aprendam e se desenvolvam (Patias, Siqueira & Dias, 2013). Nesse sentido, para examinar o impacto dessa socialização e dos processos educativos envolvidos nesse vínculo familiar, faz-se necessário a análise das interações sociais entre pais e filhos (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva (2016).

A pesquisadora Lídia Weber (2004; 2005), ao discutir sobre regras e afetividade, específica e desenvolve discussões quanto aos quatro principais estilos parentais básicos presentes no contexto das práticas educativas: o estilo autoritário, o estilo permissivo, o estilo negligente e o estilo participativo. Ela ressalta que os educadores interpõem os estilos parentais durante o processo educacional e que essa alternância dos estilos e das práticas educativas é necessária para o desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, a presença e a real implicação das figuras parentais nas práticas educativas – o que inclui também os momentos de brincadeira – são fundamentais para a socialização e saúde mental dos infantes (Sakuramoto, Squassoni & Matsukura, 2014). Craidy e Kaercher (2009, p. 105) trazem que “o brincar proporciona a troca de pontos de vistas diferentes, ajuda a perceber como os outros o vêem... Ele tem, em cada momento da vida da criança uma função, um significado diferente e especial para quem dele participa”. Dessa forma, a partir das brincadeiras e da maneira como as crianças produzem e reproduzem, criam e recriam as situações e os papéis nelas contidos, é possível perceber como os infantes enxergam o mundo e como dão significado a ele.

Visto que educar, dentro do contexto dos estilos parentais, significa responsabilizar-se por atividades físicas, éticas e mentais que garantam o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças e que essa atribuição é constantemente direcionada a pais e cuidadores, a atividade lúdica torna-se então um

momento de interação entre figuras parentais-crianças (Araújo, 2015), o que pode promover a qualidade da relação familiar (Santos, 2017). Dessa maneira, ao investigar a qualidade das práticas educativas parentais, este estudo se expande quando objetiva promover, através dos resultados obtidos, reflexões que colaborem para um melhor ajustamento das relações parentais, para pais e profissionais que trabalham direta ou indiretamente com a infância. Portanto, os resultados desse estudo podem contribuir de modo direto na estruturação de políticas públicas de impacto social nas áreas de educação e conhecimento e também da saúde.

É importante ressaltar que em estudos com crianças é necessário vê-las enquanto “sujeitos de direitos” (Mello et al., 2015), tendo a dimensão lúdica como linguagem característica, visto que esta atitude diz respeito à prerrogativa de a criança se expressar, ser ouvida e de ter sua importância reconhecida, principalmente através da sua participação nas relações com os adultos. A presente investigação, com interesse na compreensão da perspectiva infantil, pode ser considerada como um avanço diante do processo de reconhecimento das crianças como participantes da cultura social, valorizando suas competências, tal qual discutido por Buss-Simão (2014).

Assim, considerando a importância da valorização da dimensão lúdica, sobretudo no que diz respeito às relações intrafamiliares, este projeto nutre suas justificativas à medida em que se preocupa em entender como se dá a relação entre os recursos lúdicos e as práticas educativas e avaliar a qualidade desses momentos de interação familiar. A saber, de forma geral buscou-se compreender as relações e a qualidade das práticas parentais em famílias, sob a perspectiva das crianças e dos adultos. De forma específica, objetivou-se descrever de que forma crianças e figuras parentais percebem as inter-relações em sua família; verificou-se qual o papel de cada figura parental na perspectiva da criança; analisou-se de que forma as brincadeiras estão presentes nas práticas parentais

destas famílias.

Ao investigar as especificidades das situações lúdicas familiares, este estudo permite a identificação de fatores considerados potencialmente estratégicos para a promoção de relações familiares saudáveis e que promovam o bom desenvolvimento das crianças e, conseqüentemente, de suas famílias.

## 2. Revisão de literatura

Esta revisão de literatura encontra-se dividida em três partes de modo a sustentar teoricamente os principais temas investigados e definidos pelos objetivos da pesquisa, sendo as partes: o cuidar, que situa sobre as principais práticas relacionadas ao melhor desenvolvimento infantil; o educar na qual se discorre sobre o processo educativo e a responsabilidade envolvida nele, e o brincar, onde será discutido sobre a importância do lúdico no cuidado, na educação e no desenvolvimento das crianças.

### 2.1 O Cuidar

O cuidado nesta pesquisa é compreendido como o entendimento compartilhado que permeia e circunscreve as experiências familiares e que, por consequência, permite interpretações e ações que o adulto destina à criança. É visto como uma forma estruturada de organizar e direcionar conceitos, ações e recursos sobre desenvolvimento, tanto no sentido de auto avaliar a sua competência parental, quanto para atribuir metas para a criança, para si e para a família como um todo, conferindo caráter de sucesso ou de fracasso às práticas exercidas (Keller et al, 2003).

Em estudo anterior, da Silva e Pereira (2018), através de uma pesquisa de cunho qualitativo, investigaram como as crianças entendiam, avaliavam e lidavam com as práticas educativas, e suas estratégias de negociação diante das figuras parentais. Um dos

resultados mais interessantes foi o fato de que as crianças entrevistadas trouxeram em seu discurso o desejo de estarem mais próximas das figuras parentais, mas demonstraram entender, em sua maioria, a necessidade da ausência dos responsáveis devido ao trabalho, por exemplo. Assim, apesar da grande carga de responsabilidades que os adultos possuem na sua vida diária e de saber que isso frequentemente interfere na qualidade da relação com as crianças (Monteiro et al, 2017), é relevante prezar por um tempo de qualidade com os infantes e, se possível, realizando atividades lúdicas; tal comportamento pode ser considerado um modo de demonstrar investimento na relação parental (Lucena, Viana & Pereira, *in press*).

Dessa maneira, ressalta-se a importância de haver, para além do estabelecimento de uma rotina e do monitoramento das atividades realizadas pelas crianças, um enfoque no desenvolvimento das relações de afeto que são expressas no contexto familiar, visto que isso pode ser considerado uma forma de cuidado e, conseqüentemente, impactar diretamente no desenvolvimento socioemocional dos infantes. Cid (2015), em pesquisa de cunho descritivo e correlacional sobre as atividades cotidianas familiares e a relação destas com a saúde mental das crianças, constatou que 67,9% dos seus participantes disseram que compartilham uma ou duas atividades com a criança ao longo da semana, sendo consideradas as atividades: as refeições, assistir TV junto, conversar e brincar. Outro dado interessante da supracitada pesquisa foi que 75% relataram que costumam brincar com as crianças, 84% que conversam com as crianças a respeito de coisas de interesse delas e 93% costumam fazer carinho na criança.

Muniz e colab. (2014), em estudo internacional e de caráter quantitativo, analisaram as atividades cotidianas realizadas pelas crianças em idade pré-escolar no contexto familiar e evidenciaram algumas relações significativas, concluindo que quanto mais as crianças compartilhavam de atividades com seus pais e quanto mais frequente

fossem essas atividades, maiores eram os níveis de saúde mental dos infantes que participaram da pesquisa. Por isso que o cuidar, neste projeto de pesquisa, é visto como um processo mais profundo, que vai além das práticas e dos estilos parentais, e que abrange a compreensão da natureza das atividades e das relações vivenciadas pelas crianças no cotidiano de suas famílias.

## 2.2 O Educar

O conceito de educar nesta pesquisa, caminha lado a lado com a conceituação feita anteriormente para o cuidar. Isto porque, consideramos o processo de desenvolvimento infantil como permeado de influências diversas, tanto sob a capacidade física, intelectual e moral do seres humanos (o que está mais ligado ao ato de educar), quanto também às influências do meio em que vive, ou seja, ao contexto ecológico em que a família está inserida.

Cerizara (1999) discute sobre o processo de educar as crianças, visto que, além de ser um dever do Estado e da família ofertar educação para a criança desde o seu nascimento, essa obrigação familiar deve ser distinguida do papel de outras instituições (como escola, por exemplo) no processo educativo infantil. As famílias, nesse sentido, deveriam ter maior clareza sobre a complementariedade da educação fornecida fora de casa, daquela que eles propiciam enquanto responsáveis, já que esta última diz respeito aos valores morais assumidos e transmitidos pelas figuras parentais às crianças, processo que chamamos de transmissão de valores e que por vezes é feito de forma intencional (Pereira & Pedrosa, 2016). Assim, quando a criança inicia o convívio com outros grupos ou instituições, como a família extensa e/ou a creche ou escola, que possuem regras de funcionamento diferentes das apresentadas pelos responsáveis, elas percebem os novos movimentos, os distinguem e se utilizam dos ensinamentos e valores aprendidos para agir

naquele novo contexto. Ao modo como esses valores e atitudes das figuras parentais, que são passados dos adultos para as crianças e através das gerações, que são transmitidos no intuito de reduzir ou aumentar determinados comportamentos da criança, é que chamamos de estilos parentais (Guerreiro, 2013), sob os quais estão envoltas as práticas parentais: maneira como os pais, ou outros responsáveis que assumem a função parental, orientam o comportamento de crianças.

Há diferentes teorias que discutem a temática da definição dos estilos parentais, mas para esta pesquisa vamos levar em consideração o conceito trazido por Weber (2005), ao relacionar regras e afetividade: (1) o estilo autoritário, em que as figuras parentais se utilizam de muito limite e pouco afeto, em que há um alto nível de exigência, com regras e limites rígidos, no entanto, há pouca responsividade, o que está explícito nas ocasiões em que os responsáveis exigem obediência e controle, mas não permitem que as crianças decidam ou escolham; (2) o estilo permissivo, no qual há muito afeto, baixo nível de exigência, e também poucos limites estabelecidos pelos educadores; (3) o estilo negligente, em que há pouco limite e pouco afeto, sendo que as figuras parentais permitem quase tudo, devido ao baixo nível tanto de exigência quanto de responsividade, demonstrando assim não terem tempo ou interesse necessário para educação das crianças; e (4) o estilo participativo, onde se identifica muito limite e muito afeto, mas com equilíbrio, havendo um alto nível de exigência, mas também de responsividade, em que as figuras parentais exigem a obediência das regras, mas são disponíveis às crianças, oportunizando o desenvolvimento de sua autonomia, levando em consideração suas escolhas e permitindo a participação nas decisões familiares. Entretanto, se faz necessário salientar que os educadores não possuem um estilo parental fixo, isto é, eles alteram esses modos de lidar com as crianças durante o processo educacional delas, interpondo também as práticas educativas, o que é de suma importância para o desenvolvimento dos infantes

(da Silva & Pereira, 2018). Entretanto, essa flexibilidade da alternância entre os estilos parentais e também a diferença entre os estilos de cada figura de autoridade pode gerar o que chamamos de inconsistência entre as figuras, que é considerada uma prática parental de risco por Ceballos e Rodrigo (1998, citado por Silva, 2009). O referido autor, discute que uma disciplina incoerente e inconsistente nas suas intervenções educativas pode confundir as crianças por modificar de maneira imprevisível as suas expectativas e reações e, com isso, premiar comportamentos desajustados. À vista disso, Santos e Oliveira (2019) discorrem que, para que as crianças adquiram habilidades sociais adequadas, é necessário que haja uma atenção em relação às práticas educativas utilizadas, visto que estas possuem influência não somente nas auto percepções e na forma de ver os outros, mas também nos mais diversos aspectos da vida dos sujeitos.

Assim como discutido por Bolsoni-Silva (2017) em investigação sobre as práticas educativas parentais na interação social, estudar o educar diz respeito também ao entendimento de que as interações sociais estabelecidas entre adultos cuidadores/educadores e as crianças são de suma importância para a compreensão de como ocorrem as influências mútuas e de como esse conhecimento pode colaborar na elaboração de intervenções eficazes no contexto familiar.

### 2.3 O Brincar

Geralmente a cultura lúdica é entendida como expressões e processos artísticos e culturais produzidos pelas pessoas, não necessariamente apenas pelas crianças. Além disso, é vista também enquanto processo de participação e criação coletiva, valorizando assim o brincar na infância (Kramer, Nunes & Carvalho, 2013). Dessa maneira, o brincar é considerado como a principal forma de linguagem e manifestação da infância (Carvalho et al, 2003), o que contempla as crianças, os adolescentes e os adultos enquanto produtores, gestores e público dessas produções e processos, sejam eles contemporâneos,

tradicionais, eruditos, populares, étnicos, etc (Brasil, 1998; Brasil, 2014). Além disso, estas manifestações e processos, sejam produzidos pelas crianças e/ou direcionadas a elas, são importantes vias de significação, interpretação, entendimento e reprodução do mundo.

No entanto, diante da variedade de formas de linguagens utilizadas pelos infantes, considera-se a brincadeira como uma importante ferramenta de criação e liberdade, que dá às crianças a capacidade de pautar significados e significações (Vygotsky, 2008) ao contexto social ao qual pertencem, o que contribui de maneira efetiva no seu processo de desenvolvimento (Bichara, Lordelo & Magalhães, 2018). Dessa maneira, incorporando a fantasia à sua realidade, as crianças se tornam capazes de, a partir de uma linguagem própria, criar e recriar, produzir e reproduzir criativamente os processos sociais que as cercam.

Assim, a atividade lúdica propicia às crianças um maior e melhor desenvolvimento, seja pelo aspecto social, cognitivo, afetivo ou motor, visto que a criança ao brincar interage com seus pares, estimulando a curiosidade, a criatividade, a autonomia, a autoconfiança, etc., o que assegura uma maturação na aquisição de novos conhecimentos (Oliveira-Formosinho, 2008). Pautando esse conhecimento através do lúdico, a criança aprende e se desenvolve de maneira mais simples e divertida, sendo a brincadeira e o jogo, algo próprio da infância, o que torna o processo de aprendizagem mais prazeroso (Friedmann apud Rauschkolb; Scheifler, 1997; Santos, 1997).

### 3. Método

Destaca-se que o delineamento metodológico desta pesquisa precisou ser adaptado para garantir que os protocolos de segurança contra a contaminação por COVID-19 fossem seguidos. Dessa forma, esta seção irá apresentar a estratégia metodológica que foi definida após a adaptação necessária, assim como o público-alvo e onde a pesquisa está situada. Além disso será explicitada como foi realizada a coleta de dados, a análise dessas informações e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa com seres humanos.

#### 3.1. Estratégia Metodológica

Esta pesquisa se ancorou numa abordagem multirreferencial, o que nos permitiu explorar de várias formas e perspectivas os objetos de estudo, a saber, os fenômenos que compõem as práticas familiares e os processos educativos contidos no espaço. A concepção adotada para essa pesquisa também foi implicativa e contrastiva (Macedo, 2018), uma vez que este estudo buscou compreender a qualidade das relações familiares, dos processos educativos, da valorização da perspectiva infantil diante destes, dentre outras questões associadas. Em relação aos procedimentos metodológicos de coleta de dados, estes envolveram as entrevistas online semiestruturadas com as figuras parentais e com as crianças, separadamente, e utilização de instrumentos como inventário e jogo lúdico, este último como via de acesso às crianças no intuito de propiciar a participação efetiva destas. Como mencionado anteriormente, em virtude da Pandemia de COVID-19 e para garantir que os protocolos de segurança fossem respeitados, as entrevistas com as famílias aconteceram de forma remota através de videochamadas no aplicativo *WhatsApp*, que foi escolhido em virtude de fácil acesso e por ser utilizado usualmente por todos os participantes, isto é, os responsáveis já tinham o aplicativo instalado em seus

aparelhos e as crianças também já estavam habituadas e utilizá-los com frequência para se comunicar com familiares e amigos.

Além da entrevista individual com as figuras parentais que ocorreu através de um roteiro de entrevista semiestruturado (ver Apêndice I), houve também a aplicação do Inventário de Estilos Parentais de Gomide (2006). A escolha deste Inventário ocorreu pelo entendimento de que a família se apresenta enquanto importante cerne no processo de socialização e de educação das crianças e que, a depender dos comportamentos emitidos pelas figuras responsáveis por essa função, podemos identificar consequências positivas e negativas no desenvolvimento dos infantes. O Inventário de Estilos Parentais (IEP), Gomide (2006), apresenta 42 afirmativas que devem ser respondidas pelo participante em uma escala de Likert de três pontos (“Sempre”, “Às Vezes”, “Nunca”) sobre comportamentos de interação parental entre pais (responsáveis) e filhos. O inventário deriva de um modelo teórico composto por sete práticas educativas, sendo duas consideradas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e cinco negativas (abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente). O IEP apresenta estudos de validação no Brasil (Sampaio, 2007; Sampaio & Gomide, 2017) que, através de estudos psicométricos recentes (Gomide & da Silva Traple, 2022), revelaram coeficientes razoáveis de consistência interna. A correção dos inventários seguiu o protocolo de respostas proposto pela autora do inventário.

Para a participação das crianças também foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado (ver Apêndice II), e um jogo chamado “Jogo das atividades parentais”, de Camila Stor de Aguiar e Nathália Della Santa. Este instrumento é recomendado para crianças verbais acima de 4 anos e foi desenvolvido a partir da prática clínica com crianças e, segundo as criadoras, pode ser utilizado em contexto que seja relevante a avaliação de habilidades parentais. Nesse sentido, o uso desse recurso instrumental teve

como objetivo auxiliar na identificação das pessoas que se fazem presentes no cotidiano da criança e verificar qual o papel de cada uma de suas figuras parentais, principalmente no que se refere aos momentos de cuidado, educação e ludicidade. Foram utilizados 27 cards previamente selecionados do jogo atividades parentais (Ver apêndice V), contendo 18 frases sobre atividades realizadas pela criança e sua família, 8 cards que representam as principais figuras parentais que a criança poderia selecionar e também 1 card com o símbolo de uma interrogação que poderia ser utilizado como card coringa ao representar uma pessoa que não estivesse dentro das pessoas mencionadas nos outros cartões. Concomitante ao uso do jogo, cada criança respondeu às perguntas feitas a partir do roteiro de entrevista semiestruturado, que possibilitou abarcar algum questionamento que não tivesse sido respondido diretamente durante o momento do jogo.

Sendo assim, tratou-se de um estudo de abordagem qualitativa de cunho exploratório com o objetivo geral de compreender as relações e a qualidade das práticas parentais em famílias, sob a perspectiva das crianças e dos adultos, especificamente, descrever de que forma crianças e figuras parentais percebem as inter-relações em sua família; verificar qual o papel de cada figura parental na perspectiva da criança; e analisar de que forma as brincadeiras estão presentes nas práticas parentais destas famílias.

### 3.2. O *Locus* da Pesquisa e o Público-alvo

A pesquisa foi realizada com cinco famílias que possuíam uma criança com idade entre 8 e 9 anos, da cidade de Petrolina-PE e duas respectivas figuras parentais de cada família. Os participantes foram selecionados, através de amostragem por conveniência (Cozby, 2003), por meio da divulgação virtual entre membros do corpo discente e docente da Univasf, sobre participação em pesquisa científica.

Os critérios de inclusão para a participação da criança foram a idade e que ela tivesse pelo menos dois responsáveis que exercessem a função parental e que participassem de forma próxima da educação dela. Nenhuma restrição foi feita em casos de filhos adotados ou de família recasada, incluindo também relações homoafetivas. Não poderiam participar do estudo crianças com grande comprometimento mental/intelectual, que não tivessem desenvolvido o recurso da fala verbal, pois para este estudo foi necessário utilizar, principalmente, os recursos de linguagem oral.

O cenário em que esta pesquisa foi realizada está situado em um momento pandêmico, pós *lockdown* devido à pandemia de COVID-19. No início do ano de 2020, as famílias do mundo todo foram surpreendidas com a chegada de um novo corona vírus e com ele a necessidade de medidas de controle e prevenção, principalmente através do distanciamento social, o que acarretou em mudanças no cotidiano familiar e social. Além da realização das atividades laborais em casa, novas preocupações surgiram como, por exemplo, a questão do acompanhamento escolar das crianças e o aumento da necessidade de higienização e limpeza. Assim como a pandemia impactou em diversos setores, esta pesquisa também teve sua metodologia alterada para a garantia dos processos de segurança para a equipe e para os participantes.

### 3.3. Coleta das informações

A partir da indicação de possíveis participantes que atendiam aos critérios anteriormente apresentados, as famílias foram contatadas pela pesquisadora e a elas foi explicado sobre o projeto de mestrado, os objetivos da pesquisa e de que forma ocorreria a participação de cada um. Após o assentimento de participação (Apêndice IV) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice III), de acordo com a exigência da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde

(CNS). As crianças também precisavam assentir sua participação e se mostrarem disponíveis para participar do estudo. Somente a partir do consentimento da criança é que o procedimento de coleta teve início, isto porque a sua autorização reforça a ideia delas enquanto sujeitos de direitos.

Assim, os responsáveis que indicavam ter disponibilidade para a participação na pesquisa, forneciam informações sobre quem mais poderia participar. Em momento posterior, acordado de forma individual com os membros de cada família, foi entregue ao responsável três envelopes contendo 1) o termo de assentimento a ser assinado e autorizado pela criança, assim como 27 cards do jogo lúdico das atividades parentais; 2) quatro termos de consentimento livre e esclarecido a ser assinado pelos responsáveis e participantes da pesquisa e 3) duas cópias da versão de autoaplicação do IEP, que estavam dentro de um envelope cor madeira com a orientação de que somente deveria ser aberto no momento da entrevista. Também foi combinado com cada família o melhor horário para realização a chamada de vídeo, para que os horários e ambientes domésticos possibilitassem o desenvolvimento da entrevista. As videochamadas foram audiogravadas com o uso de um celular reserva para que as entrevistas fossem posteriormente transcritas e analisadas

Logo no início da vídeoligação, que foi realizada de forma individual com cada membro participante da família, a pesquisadora apresentou-se e fez uma breve explicação dos processos que iriam ocorrer, sendo que no diálogo com as crianças foi lembrado o que estava no termo de assentimento entregue a elas, de maneira que compreendessem a intenção da chamada de vídeo. Após explicar sobre o processo da entrevista e ter lembrado sobre audiogravação, foi ofertado aos participantes um momento para que tirassem suas dúvidas e, logo em seguida, solicitado que abrissem os envelopes. Ao final das entrevistas foi dada novamente a oportunidade de fazer perguntas e fornecidas

orientações sobre a entrega dos envelopes para a pesquisadora de modo que as orientações de segurança em relação ao COVID-19 fossem resguardadas.

Cada encontro virtual teve uma duração média de 30 minutos, ocorriam sem necessariamente haver uma ordem de participação (mesmo assim a maioria das entrevistas foi realizada primeiro com os adultos e depois com as crianças). As próprias crianças espalhavam os cards e iam lendo conforme a entrevista semiestruturada ia acontecendo. Dessa forma, o roteiro de perguntas só foi necessário na ocasião das perguntas não terem sido respondidas pelas crianças no momento do uso dos cards, sendo realmente apenas um recurso complementar. As entrevistas foram transcritas na íntegra em momento posterior.

#### 3.4 Análise das informações

Todas as informações produzidas através das entrevistas e escuta das crianças e de suas figuras parentais e coletadas através de audiogravação foram posteriormente transcritas na íntegra e analisados conforme a análise de conteúdo de Bardin (1977/2011), de modo a responder adequadamente aos objetivos do projeto.

A análise propriamente dita foi baseada na análise de conteúdo de Bardin (1977/2011, p. 48) que é definida como: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Assim, o olhar da pesquisadora partiu do viés qualitativo, buscando compreender, analisar e descrever os fenômenos a fim de contrastá-los. A análise de conteúdo seguiu a proposta de Alves e Silva (1992), adotando os seguintes passos: a) realização de leituras

sucessivas do material transcrito, de modo que o pesquisador seja impregnado pelos dados, ora detendo-se estritamente no conteúdo exposto, ora no contexto de significações que se evidenciaram; b) registro escrito de relações feitas, interpretações levantadas, pontos críticos identificados e seus significados no tópico e na pesquisa como um todo; c) compartilhamento dos dados com outros pesquisadores envolvidos com temas afins e experiência na área, a fim de enriquecer e checar as formas de compreensão e interpretação dos dados; d) revisões da literatura com vistas ao aperfeiçoamento e à atualização do tema estudado, contribuindo para a construção de relações com o conteúdo das falas dos entrevistados; e) busca de regularidades e diferenças nas respostas, observando as nuances; e f) aprofundamento dos dados, de modo a afunilar o tema em torno de questões centrais.

Sendo assim, as narrativas colhidas durante as entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo seguindo os processos anteriormente descritos, que foram sistematizados e compactados de maneira a ocorrerem de forma sucessiva, serão especificados a seguir.

#### 3.4.1 Pré-Análise

De posse de todas as informações produzidas junto aos participantes através da transcrição das entrevistas, dos inventários que passaram pela análise e correção indicadas por Gomide (2021) e de momentos de reunião orientativa junto ao professor orientador, foram selecionados artigos científicos, livros, dissertações e teses que pudessem fomentar a discussão sobre as temáticas abordadas.

#### 3.4.2 Exploração dos dados coletados

Após a fase inicial de organização e pré-análise, foram realizadas excessivas leituras flutuantes por todo o material transcrito afim de captar relações e interpretações assim como identificar pontos críticos e significados relevantes para a pesquisa.

### 3.4.3 Compartilhamento e discussão

Nesta fase o conteúdo até aqui levantado passou por momentos de compartilhamento com outros pesquisadores do grupo de pesquisa, com o objetivo de enriquecer as discussões propostas e averiguar através das diferentes formas de compreensão e interpretação dos dados, o progresso do delineamento de análise dos resultados.

### 3.4.4 Aprofundamento e Revisões

Foram realizadas revisões de literatura com vistas ao aperfeiçoamento e à atualização do tema estudado, contribuindo para a construção de relações com o conteúdo das falas dos entrevistados. Também foram observadas as nuances nas respostas em busca de identificar as regularidades, assim como facilitar o aprofundamento dos dados colhidos para afunilar o tema em torno das questões centrais investigadas.

Dessa maneira, utilizarmos da análise de conteúdo propiciou uma maior conceituação e significância aos dados coletados, visto que esse processo possibilitou, de forma objetiva e sistemática, realizar inferências e encontrar correlações as práticas parentais e os papéis destas nas relações familiares tanto na visão das crianças quanto de suas figuras parentais.

Em relação à correção do IEP, a análise dos dados foi realizada utilizando a folha de resposta que contém as sete práticas educativas do instrumento. De acordo com as orientações deste crivo, cada resposta “nunca” recebeu a pontuação 0; “às vezes” pontuação 1; “sempre” pontuação 2. Dessa forma, cada prática educativa avaliada pelo inventário pode ter a pontuação máxima de 12 e a mínima de 0. Ao final da correção é possível calcular o índice de estilo parental subtraindo a soma das práticas negativas (punição inconsistente; negligência; disciplina relaxada; monitoria negativa e abuso

físico) da soma das práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral). Logo, quando o resultado deste cálculo for negativo, o estilo parental será negativo; quando o resultado for positivo, o estilo parental será positivo. Os escores revelam o estilo parental adotado pelos pais: estilo parental ótimo; estilo parental bom, acima da média; estilo parental regular, abaixo da média e estilo parental de risco.

### 3.5. Aspectos Éticos

Este estudo respeitou as Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, através das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A presente pesquisa esteve incluída no projeto de Cooperação Internacional entre a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Brasil) e a Universidade do Quebec em Trois-Rivières (Canadá), na qual realizaram-se estudos de forma colaborativa e contrastiva (Macedo, 2018) sobre a realidade das famílias no Brasil e no Canadá, investigando a relação adulto-criança e o lugar da brincadeira nesse contexto. Esta autora participou desta cooperação e o presente projeto de mestrado contribuiu para os estudos que estão sendo desenvolvidos entre as supracitadas instituições. Assim, o projeto de pesquisa da Cooperação Internacional, denominado “Práticas educativas para o desenvolvimento infantil”, foi submetido ao comitê de ética em agosto de 2019 e foi aprovado sob o número de CAAE 19011319.8.0000.5196. A coleta de dados desta atual pesquisa foi realizada em ambiente virtual, no entanto, os mesmos critérios para a garantia do sigilo e conforto necessários para o momento da coleta foram assegurados.

## 4. Resultados e Discussão

Esta seção aborda os resultados produzidos após a análise das informações obtidas. Os resultados aqui apresentados também serão expostos junto à discussão, que foi desenvolvida a partir da análise de conteúdo de Bardin (2006).

Desse modo, a seção foi organizada em quatro subpartes onde a primeira descreve o perfil das famílias colaboradoras da pesquisa, a segunda exhibe a visão das crianças sobre as práticas, atividades e papéis desempenhados pelas suas figuras parentais, a terceira que apresenta os dados colhidos através dos inventários respondidos pelos adultos relacionando-os às respostas colhidas através da entrevista e, por fim, uma discussão sobre o lugar da ludicidade nas famílias entrevistadas.

#### 4.1 Perfil das famílias participantes

Participaram do estudo cinco (5) famílias que possuíam uma criança com idade de oito (8) a nove (9) anos, sendo três (3) meninos e duas (2) meninas e suas duas respectivas figuras parentais de cada criança. Todos os participantes residiam na cidade de Petrolina-PE.

Durante a apresentação dos resultados e discussão serão utilizados nomes fictícios para cada participante, com o objetivo de resguardar suas identidades. Os quadros 1 e 2 sintetizam os principais dados sociodemográficos das crianças e de suas figuras parentais, respectivamente, que foram coletados no momento da entrevista com os adultos.

**Quadro 1:** Perfil idade, série e situação familiar das crianças

Criança	Júlia	Nicolas	Bernardo	Lorenzo	Joana
Idade	9 anos	8 anos	8 anos	9 anos	8 anos
Série	4° ano	3° ano	3°ano	4° ano	3° ano
Núcleo Familiar	Mora com a mãe e o pai, mas passa o dia com a avó	Mora com a mãe, o pai e um irmão mais velho	Mora com a mãe, o pai e um irmão mais novo	Mora com o pai e um irmão mais novo, mas passa o dia com os avós maternos.	Mora com a mãe, o pai e um irmão mais novo

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações produzidas

**Quadro 2:** Perfil da figura parental: vínculo com a criança, idade e profissão

Figura parental	Vínculo com a criança	Idade	Profissão
Lívia	Mãe de Julia	34 anos	Professora
Luísa	Avó de Julia	66 anos	Aposentada
Marina	Mãe de Nicolas	38 anos	Professora
Joaquim	Pai de Nicolas	34 anos	Policia! Militar
Lara	Mãe de Bernardo	38 anos	Servidora pública
Miguel	Pai de Bernardo	42 anos	Farmacêutico
Olivia	Mãe de Lorenzo	36 anos	Bancária
Matheus	Pai de Lorenzo	31 anos	Consultor
Alice	Mãe de Joana	38 anos	Autônoma
Samuel	Pai de Joana	47 anos	Empresário

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações produzidas

## 4.2 O olhar das crianças

### 4.2.1 A participação infantil e o acesso às crianças

Primeiramente faz-se importante explicitar que, a cada passo pensado para o delineamento desta pesquisa, o lugar a ser ocupado pelas crianças participantes era o lugar de destaque, reafirmando a ideia central de tornar as crianças protagonistas de sua própria história, dando a elas a possibilidade de escolher participar ou não da pesquisa, mesmo tendo seus responsáveis já assentido sua colaboração no estudo. Isto porque, de acordo com Buss-Simão (2014) e Mello et al. (2015), tal atitude está relacionada à prerrogativa de a criança se expressar, ser ouvida e de ter sua importância legitimada, as reconhecendo como participantes da cultura social.

O momento inicial com cada criança, mesmo após terem tido acesso ao termo de assentimento através de seus responsáveis que realizaram com elas a leitura do documento, foi precedido de uma apresentação e explicação, por parte da pesquisadora, sobre quem ela era, assim como do porquê de estar sendo realizada a entrevista:

*“Eu me chamo Emily, eu tenho 28 anos e eu também estudo numa escola, só que é uma escola pra gente adulta, né, que é a Univasf... lá a gente vai pra aprender muitas coisas, pra estudar e conhecer coisas novas... e aí lá eu gosto de estudar sobre as crianças e sobre as famílias das crianças, que eu acho bem divertido, aí o meu professor me pediu pra fazer uma entrevista, com algumas pessoas, aí me indicaram você! Não é legal?”*

Além de garantir que a criança estivesse ciente do que implicava a sua participação, essa forma acessível de dar a elas uma explicação sobre a pesquisadora e a pesquisa, traz consigo o conceito de sujeito de direitos discutido por Mello et al. (2015). Assim, após garantir que a criança estivesse ciente de como ocorreria a pesquisa e ter também o seu assentimento verbal, a pesquisadora agradecia a disponibilidade dela em colaborar para a pesquisa e somente então era dado início a entrevista.

**Figura 1.** Fotografia do um dos termos de assentimento

26

**UNIVASF**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Pavilhão de Laboratórios – 1º Andar Sala 2286  
Campus Universitário – Centro – Petrolina/PE CEP 56.304-205. Telefone: (87) 2101 6793  
Site: www.cpgpsi.univasf.edu.br – E-mail: cpgpsi@univasf.edu.br

**TERMO DE ASSENTIMENTO (CRIANÇAS MENORES DE 7 ANOS)**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, que é uma forma das pessoas descobrirem coisas novas. Essa pesquisa quer descobrir como as pessoas que cuidam da gente nos ajudam a ser crianças felizes, inteligentes e com saúde. Sua participação é importante, mas você não deve aceitar participar caso não queira. E se você quiser parar, em qualquer momento, basta dizer. Se você quiser perguntar alguma coisa, é só falar.

Nessa pesquisa, nós vamos fazer algumas perguntas, mas também vamos fazer desenhos e brincar. Tudo isso é sobre você e as pessoas que cuidam de você.

Se você concordar com essa pesquisa, marque com o sinal de legal no quadrado abaixo.



*Emily Ribeiro da Silva*  
Assinatura do Pesquisador responsável pelo assentimento

**Pesquisador Responsável:** Marcelo Silva de Souza Ribeiro. Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, S/N, Centro, CEP 56.304-917- PETROLINA / PE. E-mail: mribeiro27@gmail.com . Contato(s) telefônico(s) do responsável pela pesquisa: (87) 2101-6868.

**Demais pesquisadores da equipe de pesquisa:** Emily Ribeiro da Silva e Ilze de Carvalho Nobre.

**Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:** COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF  
Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar  
Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: [cep@univasf.edu.br](mailto:cep@univasf.edu.br)

Fonte: Imagem colhida pela autora através do termo de assentimento preenchido

#### 4.2.2 As figuras parentais de destaque e os papéis de cada um

Tanto através dos cards lúdicos, quanto através das perguntas previamente formatadas, foi possível identificar por meio dos discursos infantis quais eram as figuras parentais que mais tinham destaque na sua rotina, assim como os papéis exercidos por cada uma delas.

Reiterando que mesmo que a configuração familiar não tenha sido um dos requisitos de inclusão para a participação, apenas uma das famílias que colaboraram com o estudo não esteve representada por mãe e pai como as duas figuras parentais de destaque. Das cinco famílias participantes, três foram representadas por mãe e pai em união estável, uma família separada e somente uma que foi configurada por mãe e avó.

Ainda que consideremos a crescente participação e influência de outros membros familiares nos processos de criação e educação das crianças (Cerveira & Farate, 2015), a tipologia familiar nuclear intacta esteve presente de forma majoritária nesta pesquisa. Por família nuclear intacta, entende-se que os membros coabitem na mesma residência, isto é, constituída por marido, mulher e filhos (Silva & Sequeira, 2021).

Dentro do contexto legal o ECA tipifica três modelos de família: a família natural; a família extensa; e a substituta, sendo que cada uma possui uma definição própria.

Família Natural: comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes. Família Extensa: aquela que se estende para além da unidade de pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os pais a criança ou adolescentes convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade. Família Substituta: para qual o menor deve ser encaminhado de maneira excepcional, por meio de qualquer das três modalidades possíveis, que são: guarda, tutela e doação. (art, 25, caput, ECA).

Além disso, diante dos variados arranjos de contextos das relações familiares, alguns pais e mães, por conta da responsabilidade com o cuidado dos filhos, encontram dificuldades na conciliação das atribuições parentais, pessoais e profissionais, utilizando-se dessa forma da família extensa, muitas vezes figuradas nos avós, para que possam desempenhar suas funções profissionais, tema já discutido por vários autores (Dessen & Braz, 2000; Portugal, 2004; Riboldi, 2010; Gama, 2012; Dias, 2021). Assim, a família extensa acaba por assumir a função de exercer o apoio moral, educacional e afetivo durante o período de ausência dos pais.

Nesta pesquisa, algumas crianças trouxeram em seu discurso falas que demonstram a presença da rede de apoio e da família extensa no seu processo de cuidado e de educação *“fica comigo nos momentos livres... meu avô... a gente fica, às vezes ele fica assistindo filme comigo, a gente sai pra passear, às vezes a gente assiste, desenha,*

*faz um montão de coisa... quase todo dia eu vou pra casa dele depois que eu saio da escola” (Lorenzo, 9 anos).*

Importante também chamar atenção ao fato de que, por conta de a realização da pesquisa ter ocorrido ainda dentro de um contexto pandêmico, alguns pais e mães ainda se encontravam no modelo híbrido de trabalho, conciliando o trabalho remoto e as atividades domésticas, o que também propiciou um maior tempo de contato com os filhos (Lemos, Barbosa & Monzato, 2021).

As crianças demonstraram em suas falas o entendimento relativo aos papéis exercidos por cada figura, por exemplo, quem era responsável pelos cuidados domésticos, quem cuidava enquanto os pais estão trabalhando, quem trabalhava para pagar as contas, etc. Por exemplo a fala de Nicolas (8 anos) *“ela (mãe) arruma a casa e ajuda nas tarefas... ele (pai) cuida de mim enquanto minha mãe tá trabalhando”* e também a fala de Joana (8 anos) *“ela (mãe) é multitarefas... papai é o consertador de coisas, ele é pedreiro, é a pessoa que faz mil coisas em um segundo”*.

Majoritariamente as atividades parentais exemplificadas nos cards foram associadas pelas crianças como exercidas pela figura materna, desde cuidados básicos de, por exemplo, perguntar como a criança está se sentindo, levar para passear e acalmar quando está com raiva, com exceção da família de configuração divorciada, em que a maior parte dos cuidados eram direcionados pelo pai, que possuía a guarda do filho. Esses dados podem ser relacionados com os achados de Lemos, Barbosa e Monzato (2021) que averiguou através de um estudo qualitativo que todas as suas mães entrevistadas relataram sobrecarga de trabalho por conta das exigências organizacionais, às demandas com os filhos e com a casa durante o período de isolamento por restrições pandêmicas.

#### 4.2.3 A obediência, desobediência, inconsistências e punições

Em relação a obediência, todas as crianças relataram serem obedientes às figuras parentais, inclusive a maioria trouxe uma noção de equidade entre os adultos participantes quando perguntadas sobre quem elas obedeciam mais. Elas também responderam quanto a desobediência e o que ocorre quando elas não cumprem os acordos dentro de casa, como por exemplo o que foi dito por Joana (8 anos) em relação ao seu irmão que possui desenvolvimento atípico, que bate e a morde às vezes diante de algum objeto reforçador que ele queira. Ela relata que sua mãe já colocou a regra de não entrar em briga física com o irmão, devido ao pouco entendimento e repertório verbal dele. Sobre isso a criança fala: “briga comigo quando faço coisas erradas...minha mãe... ela briga, ela fala ‘ah, Luis é menor, você tem que entender’, mas eu entendo, mas assim, ele me bate e eu não posso bater nele? Me explica isso aí... de entender eu entendo, mas é que eu acho injusto”. Assim, quando desobedece, Joana revela a punição física “com o cinto e o chinelo... não é que eu tenho medo, é que eu também acho certo”. Bernardo (8 anos) também demonstra a obediência de forma igual entre os pais e relata que quando faz algo errado os pais conversam:

*“ - Briga comigo quando faço coisas erradas... os dois*

*- Os dois?*

*- Sim*

*- E como é que eles falam com você quando você faz coisa errada? Eles falam o que?*

*- Eles falam que não posso fazer o que eu fiz*

*-Entendi. E você entende aquilo que eles falam?*

*- Sim*

- *E tem alguém Bernardo, ó... tá dizendo assim: bate em mim quando faço coisas erradas. Tem alguém que bate em você quando você faz coisas erradas?*

- *Sim.*

- *Sim? Quem?*

- *O meu pai*

- *O seu pai? E aí, como é que você se sente?*

- *Quando ele bate em mim? Triste*

- *Triste... e você fala pra ele que você fica triste?*

- *Huum, é, não."*

Assim, como o exemplo acima, Lorenzo explica como se sente ao ser punido fisicamente: *"me sinto triste... dói tanto porque você tá apanhando e dói mais por causa que você sente que fez uma coisa tão errada que você tá merecendo isso"* (Lorenzo, 9 anos).

#### 4.3 O olhar dos adultos

##### 4.3.1 Definição de família

No início das entrevistas foi feito o seguinte questionamento: "quem é a sua família?". As respostas variaram entre uma definição através dos nomes dos membros familiares, que em todos os casos incluíam os membros da família extensa, até mesmo ao significado do que representava a família para a figura em questão. Como pode ser visto através da resposta de Marina: *"a minha família? Ah, é uma família linda, meus filhos são lindos, meu marido.... eu sou muito abençoada, pra mim é como se fosse uma família perfeita. Nós gostamos de estarmos juntos, tudo aquilo que nós vamos fazer, nós procuramos fazer juntos. Às vezes que meu esposo tá trabalhando, aí a gente sai, eu saio*

*com eles pro parque mas eles ficam o tempo todo falando 'mamãe, tá faltando papai...', assim, a gente se completa" (Marina, 38 anos, mãe de Nicolas).*

Já a família participante de configuração divorciada apresentou uma variação das demais, visto que apenas uma das figuras mencionou como parte da família o ex-cônjuge. Assim, diferentes definições de famílias foram apresentadas por cada membro, levando em consideração os níveis de proximidade e os contextos pessoais.

#### 4.3.2 Os resultados dos inventários, as práticas e estilos parentais

O IEP classifica os resultados em quatro categorias, tanto das práticas parentais como do estilo parental, a saber: (1) Ótimo, (2) Bom, (3) Regular, (4) De Risco. A partir da fundamentação teórica do instrumento, essas classificações indicam a relação das práticas parentais e do estilo parental e suas possíveis implicações no uso de práticas negativas na educação dos filhos. Assim, ações parentais que são voltadas ao fortalecimento de habilidades prossociais, ensinamento de comportamentos morais e o acompanhamento positivo dos filhos são classificados como resultados “ótimos e bons” (1 e 2). Já resultados que possuem classificação como “regular e de risco” (3 e 4) demonstram a prevalência de práticas parentais negativas que estão diretamente associadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais (Gomide, 2021).

Após o processo de análise dos inventários, obtivemos os resultados de que das dez figuras parentais participantes, 9 apresentaram percentuais do IEP que as classificam com estilo parental ótimo e estilo parental bom, acima da média. Apenas uma das figuras apresentou estilo parental de risco. Os resultados podem ser melhor observados no quadro a seguir:

**Quadro 3.** Resultados individuais colhidos através do IEP

Figura parental	IEP	MP	CM	PI	NE	DR	MN	AF
Lívia	12	12	11	1	3	2	4	1
Luísa	10	12	11	2	2	3	6	0
Marina	11	12	12	3	1	1	6	2
Joaquim	7	8	9	2	1	0	5	2
Lara	10	12	12	3	1	2	6	0
Miguel	9	11	10	0	1	1	5	2
Olivia	- 4	7	10	1	7	2	5	6
Matheus	6	10	10	0	1	1	4	2
Alice	5	12	12	5	3	1	6	4
Samuel	10	7	9	0	1	3	2	0

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações produzidas através do IEP

**Legenda:** IEP = Índice do Estilo Parental; MP = Monitoria Positiva; CM = Comportamento Moral; PI = Punição Inconsistente; NE = Negligência; DR = Disciplina Relaxada; MN = Monitoria Negativa; AF = Abuso Físico

Alguns dados se fazem interessantes de serem ressaltados, como por exemplo o fato de que apenas três mães, figuras parentais femininas, apresentarem práticas e estilo parental ótimo, que indicam presença marcante das práticas parentais positivas e ausência de práticas negativas. Estas mães que foram classificadas com ótimas práticas parentais também foram citadas mais vezes como figuras que forneciam cuidado e atenção por suas crianças, respectivamente. Esse dado corrobora com estudos anteriores (Dessen & Braz, 2000; Wagner et al. 2005; Machado, de Andrade & de Castro, 2018) que apontaram que, embora os valores relacionados aos papéis paternos na contemporaneidade demonstrem certa tendência à mudança, as mulheres continuam exercendo o papel principal de

provedoras nos cuidados afetivos, emocionais e educacionais, em detrimento dos homens que ainda são comumente ligados às funções amplas de provedor (Goetz & Vieira, 2009).

Outro ponto importante é que a mãe cujas práticas e estilo parental foram classificados como de risco, apresentou baixo índice de monitoria positiva, alto índice de negligência e alto índice de comportamentos ligados ao abuso físico. Gomide (2022) discute que as práticas parentais negativas além de estarem associadas a comportamentos antissociais como citado anteriormente, prejudicam não somente a criança e sua família, mas também a escola e a comunidade (Olsen & Geronasso, 2022), visto que essas formas de educar podem gerar baixa autoestima na criança, aumentando sentimentos como desamparo e raiva, o que pode propiciar comportamentos de esquiva, dissimulação e raiva no educando (Magnani & Staudt, 2018).

#### 4.3.3 Comunicação e conflitos intrafamiliares

As figuras parentais também responderam sobre a comunicação no ambiente intrafamiliar e sobre como costumam lidar com o conflito. De maneira geral, as figuras parentais relatam expressarem quando algo lhes desagradava no ambiente familiar e também relatam um bom diálogo com os outros membros, incluindo as crianças participantes, mesmo que às vezes hajam diferentes visões acerca de temáticas relacionadas ao ambiente doméstico.

Esta fala de Miguel (pai de Bernardo), demonstra o que Cecconello (2019) discute quanto a importância da comunicação familiar, que pode como fator protetivo a longo prazo visto que, a disponibilidade parental que não atue de forma coercitiva demonstra às crianças que elas podem falar sobre si e sua realidade.

*“converso né, sempre digo ó, não tô gostando disso, papai tá ficando triste por conta disso, vocês tão desrespeitando papai, não tão obedecendo papai, né? Então eu sempre...*

*ontem mesmo a gente teve uma conversa nesse sentido porque eles tavam me gritando, tentando ensinar a tarefa tudo, e eles nervosos tal, deram um grito né, e aí a gente às vezes perde o controle também e grita também né... mas aí a noite antes de dormir, eu digo ó, vamos sentar aqui, eu quero conversar com vocês, eu fiquei triste por conta disso, não faz mais isso né? Aí eles não vão chorar, pede desculpa, aí eu peço desculpa também, né... a gente sempre consegue conversar, né” (Miguel, 42 anos).*

A comunicação entre as figuras parentais e as crianças está ligada aos diferentes níveis de envolvimento parental. Comunicação esta que pode ser positiva ou negativa a depender de como se caracteriza, da postura apresentada pelos adultos e pelo grau de acolhimento que gera conforto nas crianças, o que pode facilitar a externalização de sentimentos. Segundo Glidden e Weber (2020), estratégias inadequadas no processo de comunicação com os filhos podem ser indicativos de ausência de controle emocional dos pais, sendo que essa forma de inadequação também se apresentam enquanto gritos, ameaças e humilhações (Weber et al. 2009). Isto se reflete na fala das três crianças que indicaram, no momento da entrevista, que sofriam punições físicas diante de comportamentos inadequados, e que no entanto, não expressam isso para as figuras parentais.

*“Como você se sente quando isso acontece?*

*Quando ele bate em mim? Triste.*

*E você fala pra ele que você fica triste?*

*É... não.” (Bernardo, 8 anos).*

#### 4.3.5 Estabelecimento de regras e inconsistências

Todas as figuras parentais participantes disseram não ter dificuldades em impor regras, mas a maioria delas revelou que a dificuldade encontra-se em fazer as regras serem

cumpridas, tanto pelas crianças, como pelas outras figuras que participam do processo educativo, assim como exposto na fala de Olívia, mãe de Matheus:

*“Eu acho que é a questão de eu tentar de uma forma, né? E fazerem de outra. Porque assim, quem tá me ajudando a educar os meninos é minha mãe, né? Eu falo de uma forma e ela por trás faz de outra, então...a minha maior dificuldade é essa.”*

Da Silva e Pereira (2018) discutem sobre a inconsistência entre as práticas das figuras ser considerada uma prática parental de risco por Ceballos e Rodrigo (1998, citado por Silva, 2009), ao ponderar que uma disciplina incoerente, inconsistente nas suas intervenções educativas, pode confundir as crianças por alterar de forma imprevisível as suas expectativas e reações e, com isso, premiar comportamentos desajustados das crianças como a esquiva, a manipulação e a mentira. Assim como nos estudos supracitados, reitera-se nesta pesquisa a capacidade das crianças em perceber os processos intrafamiliares e se apropriarem destes, buscando não apenas adaptar-se ao contexto, mas também tirarem proveito de algumas práticas utilizadas pelas figuras, ainda que tenham medo do castigo (principalmente os corporais), por exemplo.

#### 4.4 O lugar da ludicidade

Já sobre o lugar do lúdico na pesquisa, podemos enxergá-lo de variadas formas. Isto porque inicialmente as crianças respondiam sobre quais brincadeiras e jogos gostavam de fazer com suas figuras parentais e aqui vamos listar alguns: jogos no celular, passeios para parques, histórias para dormir, brincadeiras não estruturadas como imitar super heróis e até mesmo realização de vídeos para plataformas online.

Em certo momento da entrevista com os adultos, lhes era perguntado “Qual a brincadeira favorita de sua criança?”. Esta situação propiciou algumas risadas nervosas e desconcertantes, mas também um momento reflexivo em que as figuras deveriam pensar no que as crianças gostavam de brincar. *“gostamos, tanto eu quanto eles, de inventarmos*

*coisas novas pra brincar, eu sinto que eles não curtem muito brinquedos prontos ali, embalados na caixa. O negócio é inventar, é explorar ambientes, é andar, é mexer em alguma coisa, enfim. Então assim, sempre que eu tenho tempo disponível, eu tento praticar uma atividade diferente com eles porque sempre depois dessa pratica, dessas atividades diferentes da rotina ali, eu sinto que eles entram num estado mais calmo, mais tranquilo” (Matheus, pai de Lorenzo, 31 anos).*

Interessante ressaltar que todas as figuras parentais marcaram o item “Meu trabalho impede que dê atenção ao meu(minha) filho(a)” ou o item “Sinto que não dou atenção a ele(a)”, ambos itens que estão ligados à práticas negligentes. E, quando questionados sobre os jogos e os momentos de brincadeira com as crianças, vários participantes relacionaram a falta de tempo com a pouca disponibilidade em estar mais presentes em momentos lúdicos com as crianças. Isso pode ser exemplificado na fala de Alice, 38 anos, mãe de Joana: *“então, essa parte da diversão fica com o pai (risos). Mas, assim, é que nem eu disse ó, eu não tenho como assim, de... eu confesso essa minha falha assim, sabe?”*. No entanto, mesmo indicando que, por conta da rotina com o filho com desenvolvimento atípico e também de todas as tarefas domésticas, não tem tempo para brincar, Alice sabe o que a filha gosta de jogar e assistir *“Mas assim, na verdade se eu for parar pra... é isso que eu venho tentando falar pra Joana. Por ela, ela gosta de ficar no celular jogando Robox, Roblox, pronto. Ou assistindo... mas até que Luluca ela terminou, ela diminui mais...”*.

Por conta da diminuição do convívio social e impossibilidade de estar em espaços de socialização com seus pares, inclusive com a interrupção das aulas presenciais nas escolas (Silva, Luz, Carvalho & Gouvêa, 2021), as crianças passaram a demandar mais atenção aos seus cuidadores e, também, a solicitar mais momentos lúdicos, aumentando

ainda mais a necessidade de conciliar as tarefas parentais, o trabalho remoto, as atividades domésticas. (Marques et al., 2020, p. 3).

## 5. Considerações finais

As entrevistas com as crianças nos falaram das interpretações sobre as práticas educativas de suas figuras parentais, assim como dos contextos de diversão e também dos momentos de desobediência. Já as figuras parentais nos demonstraram o quanto as práticas e seus estilos são importantes moduladores de comportamento das crianças e qual a visão destas sobre isso. Assim, conhecer os olhares e expectativas dos infantes a respeito do cuidado parental é importante para as figuras, para o contexto intrafamiliar, para que eles percebam quais os papéis que lhes são atribuídos no processo educativo e, principalmente, quais podem ser modificados para o bem estar da criança e da família.

Em relação às limitações da pesquisa, reitera-se que a quantidade de participantes pode ser melhor explorada, mesmo fazendo parte da metodologia relacionada à estudos qualitativos. Assim, estudos quantitativos podem ser feitos no intuito de ter uma visão mais ampliada sobre os aspectos aqui discutidos.

Pesquisas que se propõem a colocar as crianças em lugar de destaque, dando a elas o espaço para falarem sobre elas mesmas, com a maior propriedade possível já se faz um momento desafiador. Realizar esse tipo de estudo dentro de um contexto pandêmico por conta da COVID 19 foi ainda mais provocador. Inclusive no sentido de provocar nós, pesquisadores, a criar novos olhares e novas estratégias para acessá-las. É claro que não podemos ignorar que houveram prejuízos durante esse processo, que provavelmente seriam sanados de maneira mais objetiva nos ambientes controlados da Universidade, no

entanto, quem mais para nos ensinar do que as crianças? Cheias de planos B, C, D e todo o alfabeto quando lhes falta a oportunidade do plano A.

## 6. Referências

- Aguiar, E. (2004). *Desenho livre infantil: leituras fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E-
- Aguiar, W. M. J. (2000). Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência". *Caderno de Pesquisas*, 110, 125-142. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742000000200005>.
- Alberto, M. de F. P. & Santos, D. P. dos. (2011). Trabalho infantil e desenvolvimento: reflexões à luz de Vigotski. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 209-218. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000200004>
- Alvarenga, P. A., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4-21.
- Alves, Z. M. M. B., & Silva, M. H. G. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (2), 61-69. doi: 10.1590/S0103-863X1992000200007
- Araújo, M. D. S. (2015). Família, escola e sucesso escolar. *Lisboa: Coisa de Ler*, 80-108.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: 70.

- Bichara, I. D., Lordelo, E. R., & Magalhães, C. M. C. (2018). Por que brincar? Brincar pra quê? A perspectiva evolucionista sobre a brincadeira. In M. E. Yamamoto, & J. V. Valentova (Orgs.), *Manual da Psicologia Evolucionista*. (pp. 448-463). Natal: Editoria da UFRN.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2017). Práticas parentais educativas na interação social mães-filhos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(4), 25-44. doi: 10.31505/rbtcc.v19i4.1092
- Brasil, M. C. (2014). Carta do Rio para Cultura Infância. Fórum Nacional Cultura Infância, iniciativa do Ministério da Cultura por meio da Secretaria das Políticas Culturais e Secretaria da Cidadania e Identidade Cultural, *Rio de Janeiro: RJ*.
- Brasil, M. E. C. (1998). Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. *Brasília: MEC/SEF*.
- Bruner, J. (2000). *Cultura da Educação*. Lisboa: edições 70.
- Burghardt, G. M. (2005). *The genesis of animal play: Testing the limits*. Mit Press.
- Buss-Simão, M. (2014). Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. *Revista Diálogo Educacional*, 14(41). doi: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DS02
- Carvalho, A. M. A., Magalhães, C. M. C., Pontes, F. A. R., & Bichara, I. (Orgs.). (2003). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cecconello, A. M. (2019). Fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência: uma revisão de literatura. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*, 4(2).

- Cerizara, A. B. (1999). Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?. *Perspectiva*, 17(1), 11-22.
- Cerveira, C. M., & Farate, C. O. (2015). *Funcionamento das famílias: percepção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares* (Master's thesis, ISMT).
- Cid, M. F. B. (2015). Cotidiano familiar: refletindo sobre a saúde mental infantil e as prática de atividades familiares. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 26(3), 428-438. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p428-438>.
- Corsaro, W. A. (2009). Reprodução interpretativa e cultura de pares. Em F. Müller, & A. A. Carvalho, *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez.
- Corsaro, W. A. (2011). *A Sociologia na Infância*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Craidy, C. M., & Kaercher, G. E. (2009). *Educação infantil: pra que te quero?*. Artmed Editora.
- da Silva, E. R., & Pereira, M. C. (2018). A criança em foco: conversando sobre práticas parentais e estratégias de negociação. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 12(3).
- Darling, N.; Steinberg, L. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, v. 113, 487-496.

- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 16, 221-231.
- Dias, D. A. M. F. D. A. (2021). *O conflito trabalho-família e sua relação com a satisfação e a disponibilidade parental* (Doctoral dissertation).
- Gama, A. S. (2012). *O conflito entre trabalho e responsabilidades familiares no Brasil- Reflexões sobre os direitos do trabalho e a Política de Educação Infantil*. 2012. 228 f (Doctoral dissertation, Tese (Doutorado em Saúde Pública)—Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro).
- Glidden, R. F., & Weber, L. N. D (2020). Relações entre envolvimento parental na escola, comunicação pais e filhos e avaliação parental sobre a coerção docente.
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26, 195-203.
- Gomide, P. I. C. (2006). Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. *Petrópolis: Editora Vozes*.
- Gomide, P. I. C., & da Silva Traple, R. X. (2022). Instrumentos nacionais de práticas parentais: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia Argumento*, 40(109).
- Guerreiro, A. M. S. (2013) *O papel das práticas parentais no desenvolvimento e no bem-estar subjetivo da criança*. (Tese de doutorado, Universidade do Algarve, Portugal). Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.1/3693>
- Keller, H., Lohaus, A., Völker, S., Elben, C., & Ball, J. (2003). Warmth and contingency and their relationship to maternal attitudes toward parenting. *The Journal of Genetic Psychology*, 164(3), 275-292.

- Kramer, S., Nunes, M. F., & Carvalho, M. C. (2017). *Educação infantil: formação e responsabilidade*. Papyrus Editora.
- Lemos, A. H. D. C., Barbosa, A. D. O., & Monzato, P. P. (2021). Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *Revista de Administração de Empresas*, 60, 388-399.
- Lucena, J. M. F., Viana, K. M. P., & Pereira, M. C. (in press). Brincadeira, compreensão de emoções e estilos parentais. *Importância da parentalidade para o desenvolvimento infantil*.
- Lucena, J.F., Viana, K.M.P., & Pereira, M. (2019). Brincadeira, compreensão de emoções e estilos parentais (Ed.). *Importância da Parentalidade para o desenvolvimento infantil*. Manuscrito em revisão.
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Maria de Fátima, J. M., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 62(1), 119-134.
- Macedo, R. S. (2018). *Pesquisa contrastiva e estudos multicascos*. Da crítica à razão comparativa ao método contrastivo em ciências sociais e educação. Salvador: EDUFBA,.
- Machado, J. G., de Andrade, É. C., & de Castro, N. R. (2018). Responsividade e Exigência Materna e Paterna: Relação e Influência da Coabitação. *ANAIS SIMPAC*, 8(1).
- Magnani, R. M., & Staudt, A. C. P. (2018). Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. *Pensando famílias*, 22(1), 75-86

- Marques, E. S., Moraes, C. L. D., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36.
- Mello, A. D. S., Zandomínegue, B. A. C., Vieira, A. D. O., Da Silva, A. C., De Assis, L. C., Barbosa, R. F. M., & Martins, R. L. D. R. (2015). Pesquisas com crianças na educação infantil: diálogos interdisciplinares para produção de conhecimentos. *Motrivivência*, 27(45), 28-43.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families: The role of education and working hours. *Análise Psicológica*, 4(XXXV), 513-528. doi: 10.144417/ap.1451.
- Muñiz, E. I., Silver, E. J., & Stein, R. E. (2014). Family routines and social-emotional school readiness among preschool-age children. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 35(2), 93-99.
- Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A escola vista pelas crianças*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Olsen, N., & Geronasso, M. C. H. (2022). Estilos parentais e crianças com problemas de comportamento externalizante na escola. *Revista Psicologia em Foco*, 14(20), 160-172.
- Otta, E. (2017). Brincar na perspectiva psicoetológica: implicações para pesquisa e prática. *Psicologia USP*, 28, 358-367. doi: 10.1590/0103- 656420160122.
- papers.

- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças—Psicologia da Saúde*, 21(1), 29-40.
- Pereira, M. C., & Pedrosa, M. I. (2016). De pais para filhos: modos intencionais de transmitir valores. *Interação em Psicologia*, 19(2).
- Portugal, S (2004). As mãos que embalam o berço: um estudo sobre redes informais de apoio à maternidade. Estudos de Sociologia. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 10, n. 12, p. 185-210.
- Rauschkolb, E., & Scheifler, N. (1997). Lúdico Um mundo de conhecimento e satisfação para o desenvolvimento das inteligências múltiplas. *Revista de divulgação científica da Universidade de Contestado UnC, Santa Catarina*, 6(2), 149-153.
- Ricoldi, A. M. (2010). A noção de Articulação entre família e trabalho e políticas de apoio. Nota técnica. *Mercado de Trabalho*, (42), 37-43.
- Sakuramoto, S. M., Squassoni, C. E., & Matsukura, T. S. (2014). Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes. *Mundo Saúde (Impr.)*, 38(2), 169-78.
- Sampaio, I. T. A. (2007). Inventário de Estilos Parentais (IEP): um novo instrumento para avaliar as relações entre pais e filhos.
- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2017). Inventário de estilos parentais (IEP)—Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-26.

Santos, L. C., & Oliveira, M. L. M. C. (2019). As Práticas Educativas Parentais e Suas Consequências nos Comportamentos dos Filhos. *Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC*, 4(2), 67-74.

Santos, S. M. (1997). Pires dos.(org). *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis: Vozes.

Santos, S. M. D. (2017). *Os estilos parentais e a qualidade de vida da criança* (Dissertação de Mestrado).

Silva, D. F. G. D., & Sequeira, J. O. (2021). *Diversidade Familiar: funcionamento e resiliência da família na pandemia COVID-19* (Master's thesis, ISMT).

Silva, S. C. D. S. D. (2009). Famílias de risco, crianças de risco?: representações das crianças acerca da família e do risco (Dissertação de doutorado, Universidade do Minho, Portugal). Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/10966>

Tomasello, M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2008). *Pensamento e linguagem* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes.

Weber, L. (2005). *Eduque com carinho: para pais e filhos*. Curitiba: Juruá.

Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 323-331.

## 7. Apêndices

### 7.1. Apêndice I: Roteiro de entrevista semiestruturado com adultos



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
 Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Pavilhão de Laboratórios – 1º Andar Sala 2286  
 Campus Universitário – Centro – Petrolina/PE CEP 56.304-205. Telefone: (87) 2101 6793  
 Site: www.cpgpsi.univasf.edu.br – E-mail: cpgpsi@univasf.edu.br

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA (FIGURAS PARENTAIS)

Temáticas a serem discutidas:

1. Perguntas gerais (com foco na história da composição familiar)  
 Quem é a família de vocês (componentes)?
  
2. Perguntas sobre a comunicação intrafamiliar  
 Como você costuma se comunicar no ambiente familiar?  
 Os membros costumam lhe entender?  
 Qual sua maior dificuldade na comunicação familiar?
  
3. Perguntas sobre as regras do funcionamento familiar  
 Você sente dificuldades em estabelecer regras para/com a criança?  
 A sua regra é obedecida?  
 Como a outra figura reage a regra que você estabelece?
  
4. Perguntas sobre os papéis nas funções familiares  
 Qual você considera ser sua principal função na família?
  
5. Perguntas sobre a liderança no grupo familiar  
 Quem é que mais exerce influência no contexto familiar?  
 Quem é mais influenciado?  
 Quem mais se preocupa com a organização (das atividades domésticas, da educação da criança, do bem-estar familiar, etc.)  
 Quem mais decide pelo grupo familiar?
  
6. Perguntas sobre os conflitos na interação familiar  
 Você expressa quando algo lhe desagradar no ambiente familiar?  
 Você costuma ter uma opinião oposta a algum membro da família?
  
7. Perguntas sobre as atividades realizadas com a criança  
 Quais são as atividades que você realiza com a criança?  
 Qual a que você mais gosta? E a que menos gosta?
  
8. Perguntas sobre as brincadeiras e os jogos no contexto familiar  
 Você sabe qual a brincadeira que a sua criança mais gosta?  
 Você costuma brincar/jogar com ela? Se sim, como/de quê?

## Apêndice II: Roteiro de entrevista semiestruturado com crianças

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA (CRIANÇAS)

Temáticas a serem discutidas:

1. Perguntas sobre a comunicação intrafamiliar

Você conta tudo para o(a) .... ?

Você gosta de conversar com o(a) .... ?

2. Perguntas sobre as regras do funcionamento familiar

Você obedece?

Quem você obedece mais?

E quando você não obedece, o que acontece?

3. Perguntas sobre os papéis nas funções familiares

O que você acha que o(a) .... faz dentro de casa?

O que o(a) .... faz com você em casa?

4. Perguntas sobre a liderança no grupo familiar

Quem é que decide mais as coisas na sua casa?

Você já decidiu alguma coisa?

5. Perguntas sobre as brincadeiras e os jogos no contexto familiar

Quem é que mais brinca com você?

Do que vocês brincam mais?

Apêndice III - Termo de consentimento livre e esclarecido

Projeto: Práticas educativas para o desenvolvimento infantil

**CAEE Nº: 19011319.8.0000.5196**

Pesquisador responsável: Marcelo Silva de Sousa Ribeiro

Pesquisadores assistentes: Emily Ribeiro da Silva e Ilze Braga de Carvalho Nobre

Instituição: Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

### **Convite e permissão de participação**

Convido seu(sua) filho(a) a participar da pesquisa “**Práticas educativas para o desenvolvimento infantil**”. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a qualidade das práticas educativas no desenvolvimento infantil.

Enquanto responsável legal da criança, você está convidado a participar de um momento de entrevista que terá a duração máxima de uma hora. Posteriormente, haverá o contato com a criança, que participará de entrevistas via recursos lúdicos, fase que terá duração máxima de até uma hora meia. Para facilitar a compreensão das falas e posterior análise dos dados obtidos, as etapas desta pesquisa podem ser audiogravadas ou videogravadas.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Você pode interromper a sua participação e a de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa momento em que desejar, sem nenhum prejuízo. Também fica assegurado o seu anonimato e o da criança no relato e apresentação dos resultados desse trabalho.

### **Contato com o pesquisador responsável:**

Fone (87)2101-6868. E-mail: [mrribeiro27@gmail.com](mailto:mrribeiro27@gmail.com)

Endereço: Av. José de Sá Maniçoba, s/nº, Centro, Petrolina – PE. CEP 56.304-917. Tel: (87) 2101-6868. Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

Local em que as gravações serão guardadas, sob a responsabilidade da pesquisadora: Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI/UNIVASF)

### **Contato com o comitê de ética responsável:**

Coordenador do Comitê de Ética e Deontologia em Pesquisa com Seres Humanos da UNIVASF: Álvaro Rêgo Millen Neto / Vice-Coordenadora: Deuzilane Muniz Nunes (87)21016797 E-mail: [cedep@univasf.edu.br](mailto:cedep@univasf.edu.br)

### **Benefícios esperados**

Esta pesquisa não traz benefícios diretos. Contudo, o participante da pesquisa se beneficiará em contribuir, cientificamente, para a investigação, como também na aplicação de descobertas na área. Espera-se que os resultados obtidos contribuam com novas descobertas para a área da Psicologia do Desenvolvimento, mais especificamente com o desenvolvimento infantil e as relações pais e filhos. É também contribuição deste trabalho considerar as crianças ativas nas relações sociais. A pesquisa fomenta ainda os direitos das crianças e adolescentes gerando conhecimentos que podem orientar a construção e implementação de políticas públicas voltadas para o esse público. Reitera-se que os participantes não terão nenhum tipo de retribuição financeira ao final da participação neste estudo.

### **Riscos possíveis**

Quanto aos riscos e desconfortos, a metodologia utilizada para a produção de informações, não oferece riscos à integridade física. Entretanto, uma situação de investigação é frequentemente constrangedora para quem dela participa quando desconhecem o(a) pesquisador(a), ou mesmo têm medo de falhar, não demonstrando uma boa competência. Esse risco de constrangimento será minimizado, estabelecendo-se, de início, um bom relacionamento entre os participantes e deixando explícitos os objetivos do trabalho. Somente diante de uma sinalização de que os participantes estejam relativamente à vontade (não demonstrando receio do momento de entrevista ou grupo focal com uma atitude de cooperação ou interesse) é que a coleta será iniciada. Os participantes serão esclarecidos ainda de que podem retirar sua participação a qualquer momento, se assim preferirem. Para que a criança participe da pesquisa haverá o consentimento de seus responsáveis e dela mesma, a participação será livre e voluntária. A autorização da criança reforça a ideia da mesma enquanto um sujeito de direitos. Em momentos de pesquisa em grupo com crianças haverá a presença de dois pesquisadores para responder a quaisquer demandas que possam surgir, sem interferências no andamento da ação.

Caso seja necessário, será oferecida a escuta psicológica aos sujeitos envolvidos e, na hipótese de algum participante vir a sentir algo, este poderá comunicar ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências de encaminhamentos a outros profissionais, estando à disposição para ressarcir qualquer eventual prejuízo. Reitera-se o compromisso de todos os pesquisadores envolvidos neste estudo em manter o sigilo e a confidencialidade durante as exposições sobre o projeto e seus resultados, implicando assim, na guarda de dados que possam, de alguma forma, identificar os sujeitos-alvo da pesquisa, incluindo as audiogravações e/ou as videogravações. Estes recursos serão utilizados apenas com fins de análise, tendo suas imagens e áudios preservados, não sendo publicados ou reproduzidos durante a exposição dos resultados da pesquisa.

### **Garantias éticas**

Todas as despesas que venham a ocorrer com relação a pesquisa serão ressarcidas. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

## Confidencialidade

É garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o(s) pesquisador(es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Os dados obtidos serão guardados para garantir a confidencialidade.

É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com o(s) pesquisador(es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o(s) pesquisador(es) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas uma das quais ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o(s) pesquisador(es).

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

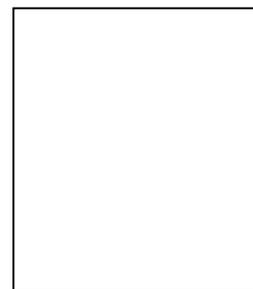
\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Nome de testemunha (quando aplicável na pesquisa)

\_\_\_\_\_  
Assinatura de testemunha (quando aplicável na pesquisa)

\_\_\_\_\_  
Nome do Representante legal (se houver necessidade na pesquisa)



Polegar Direito

---

Assinatura do Representante legal (se houver necessidade na pesquisa)

---

Nome do Pesquisador responsável pela aplicação do TCLE

---

Assinatura do Pesquisador responsável pela aplicação do TCLE

**Pesquisador Responsável:** Marcelo Silva de Souza Ribeiro. Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, S/N, Centro, CEP 56.304-917- PETROLINA / PE. E-mail: [mribeiro27@gmail.com](mailto:mribeiro27@gmail.com) . Contato(s) telefônico(s) do responsável pela pesquisa: (87) 2101-6868.

**Pesquisadoras assistentes:**

Emily Ribeiro da Silva . Endereço: Avenida Um, nº 115, Bairro Quati-I, Petrolina-PE. E-mail: [emily.psi.univasf@gmail.com](mailto:emily.psi.univasf@gmail.com) . Telefone: (87) 9 9628-4299.

Ilze de Carvalho Nobre. Endereço: Rua 9, nº 6, Bairro Cohab Massangano, Petrolina-PE. E-mail: [ilzebraga@yahoo.com.br](mailto:ilzebraga@yahoo.com.br) . Telefone: (87) 9 8839-7252.

**Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIVASFUNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar. Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: [cep@univasf.edu.br](mailto:cep@univasf.edu.br)

**O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.**

Apêndice IV- Termo de assentimento para crianças



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO – UNIVASF  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Avenida José de Sá Maniçoba, s/n, Pavilhão de Laboratórios – 1º Andar Sala 2286  
Campus Universitário – Centro – Petrolina/PE CEP 56.304-205. Telefone: (87) 2101 6793  
Site: [www.cpgpsi.univasf.edu.br](http://www.cpgpsi.univasf.edu.br) – E-mail: [cpgpsi@univasf.edu.br](mailto:cpgpsi@univasf.edu.br)

**TERMO DE ASSENTIMENTO (CRIANÇAS DE 8 E 9 ANOS)**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, que é uma forma das pessoas descobrirem coisas novas. Essa pesquisa quer descobrir como as pessoas que cuidam da gente nos ajudam a ser crianças felizes, inteligentes e com saúde. Sua participação é importante, mas você não deve aceitar participar caso não queira. E se você quiser parar, em qualquer momento, basta dizer. Se você quiser perguntar alguma coisa, é só falar. Nessa pesquisa, nós vamos fazer algumas perguntas, mas também vamos fazer desenhos e brincar. Tudo isso é sobre você e as pessoas que cuidam de você.

Se você concordar com essa pesquisa, marque com o sinal de legal no quadrado abaixo.

Assinatura do Pesquisador responsável pelo assentimento

**Pesquisador Responsável:** Marcelo Silva de Souza Ribeiro. Endereço: Avenida José de Sá Maniçoba, S/N, Centro, CEP 56.304-917- PETROLINA / PE. E-mail: [mribeiro27@gmail.com](mailto:mribeiro27@gmail.com) . Contato(s) telefônico(s) do responsável pela pesquisa: (87) 2101-6868.

**Demais pesquisadores da equipe de pesquisa:** Emily Ribeiro da Silva e Ilze de Carvalho Nobre.

**Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:** COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF  
Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar

Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: [cep@univasf.edu.br](mailto:cep@univasf.edu.br)

## Apêndice V – Cards do jogo das atividades parentais selecionados para a pesquisa

